

BANDO ESCOLASTICO

Recitado pelo academico

Antonio José Gonçalves Dias

EM

5 DE DEZEMBRO DE 1909

O ultimo!! Quem sabe?

A mocidade agora
E' tão velha de dor que, ao romper a aurora
Da Luz e do Amor, da Vida e da Ilusão,
Já tem desfeito em pranto o triste coração!
Como um senil velhinho a trepidar com somno,
Ella resa um rosario místico de Dóres,
Espalhando a tristeza, assim como o outomno
Espalha pelo chão as petalas das flores!
Cobrem-a, com piedade, as santas capas pretas
Bordadas de martirios, goivos e violetas,
E em noites de Saudade e noites de Luar,
Sobre os balcões das Donas de formoso olhar
As 'stende p'ra melhor, á luz da fantasia,
Chorar suas canções em fúda nostalgia!
A mocidade é triste! E' triste como o vento
Que, atravessando a noite, passa em um lamento!
Já não tem em su'alma as azas da Esperança
Para voar, voar como uma pomba mansa
Ao ether azulino longinquo o subtil,
Aonde o goso expõe as suas graças mil!
A mocidade é triste! E até Nicolau chora
Ao ver que se transformá a deslumbrante aurora
De seus filhos amados n'um sol-pór de magua!!
Minerva, ai! essa tem os olhos rasos d'agua
E murmura dos céus, em sua voz suave:
— Um anno ainda mais! O ultimo? Quem sabe?...

Oh loira mocidade, oh mocidade em flor:
A vida é a alegria, ai deixa esse torpór,
E vamos espalhar por prados e campinas
Os beijos do Amor, os risos das boninas,
Colhendo frescas rosas,
Caçando mariposas,
Inundando de flor's as capas e as batinas!

Escravos do baicão, sympaticos caixeiros,
A roda da discordia emfim que desandou
P'ra sermos d'ora avante amigos verdadeiros
E esquecer o passado que nos separou...
De que nos serve a lucta infrene e inextinguivel,
Querermos diluir com odio o impossivel
Se esta vida é um riso livido da morte?
De que nos serve o orgulho extremamente forte
Se a vida é uma illusão que a um sópro se desfaz?
Não será mais real a braquidão da paz?
A nossos braços, pois, escrava mocidade,
E que este abraço seja o pacto da amizade.

Um bravo á denodada e nobre Commissão
Das Festas Gualt'rianas cheias d'esplendor!!
«Por Guimarães» ávante, e o nosso coração
Ao nobre iniciador da «batalha de flores»!

Tricatinhas garotas que passaes avante
De rosto levantado e olhar provocante
Trocando o nosso amor por doido desamor;
Oh demonios gentis que não metteis horror
Ao santo mais santinho posto n'um altar:
Ora vamos lá ver se o nosso verbo amar
Vos não 'squeceu ainda e ainda o declinaes...
— Eu amo, amas, ama, amamos, vos amaes...
Basta garotas, basta... Um B pela lição!...
Ai! desde já contae com uma distincão
Se os examinador's, oh filhas, formos nós!...
Vós tendes tanta graça, acreditae, só vós
Com esse olhar ardente e puro e feiteiro,
— Olhar que brota a luz serena d'esta vida —
Nos fazeis ir até lá cima ao Castanheiro
E á velha Avenida.

Costureirinhas lindas vinde a nossos braços
E trazei uma agulha que possa cerzir
Os nossos corações que os temos em pedaços
Desfeitos pelo vosso angelico sorrir...
Que a vossa bocca seja a agulha desejada
E o retroz que seja os seus beijos de mel
E' o que mais vos pedimos d'alma ajoelhada,
Oh loiros seraphins da Lucas e Rachel.

Ai Rosinha, Rosinha! isto só p'lo demonio!...
Nós trazemos cá dentro o testemunho erroneo,
E mais que erroneo, falso em toda a sua essencia,
A roer-nos sem dó a nossa consciencia
De dizermos, Rosinha, no pregão transacto
Que tu ohoste a espada do alferes ingrato!
Agora eis-nos aqui pedindo-te perdão
Por essa irreverente e trêda falsidão.

Aquelle estrondo enorme e monstro e colossal
Rebentou qual vulcão pouco alem do Tournal
E foi á Madre-Deus, ribombando nos ares,
E, voltando depois, chegou até Silvares!!...
Tremeu a inteira grei, enquanto que a Origem
Empunhando, aurea toça e, presa na vertigem,

Dos arroubos de Mario e gestos de Vieira:
Gritara á dita grei assim d'esta maneira:
— N'uma remota era, em tempos que lá vão,
— E'ra em que não hebria a agua do Jordão —
Eu lia com ardor os livros da sciencia,
Sendo esta p'ra mim sublimé omnipotencia!...
Mas de repente, um dia, um genio portentoso
Espalhou na cidade um foco luminoso
D'eléctrica batida em négas deslumbrantes,
E eu quedei-me a olhar o genio por instantes
P'ra lhe bradar d'est'arte: — O teu poder profundo
Vale mais que a sciencia toda d'este mundo!!...

E a este estrondo enorme a antiga Vimarães,
Acordando do Egas e do Afonso os mães,
Tremeu nos alicerces roidos pelos annos,
Contando seu assombro aos priscos lusitanos!...
Baixinho lhes mostrou calcada de terrores
O desleixo que têm os sabios professores
Com as 'scolas Centraes creadas p'ra a infancia
Onde um lente procede a justa sindicancia!...
Contou-lhes que da rua D. João I.,
D'aquelle grande tanque, o tanque sobranceiro
Que lavara ao Zé Povo as pallidas miserias,
Sugaram toda a agua, toda sem canceiras,
P'ra alimentar talvez as turgidas arterias
D'algum ditoso campo sito nas trazeiras!...
Contou-lhes com cuidado e com toda a paciencia
P'ra onde é que ia o dinheiro da Beneficencia!...
A seguir lhes mostrou a deprimente insânia
Que corre no asylo de Santa Estefania,
Desrespeitando a lei com suas leis damninhas,
Repellindo de si as tenras creancinhas!...
Mostrou-lhes o Maria, o bronco jornalista,
Que tendo carta branca em um pasquim qualquer,
Sandices vomitou, em prosa de barbeiro,
Contra esse educador que se chamou Ferrer!...
Contou-lhes a sorrir, com trinta mil enfeites,
A azeitada questão chamada dos azeites,
Sustentada entre um russo e um ramalho hostil
Que mesmo assim dá lindre alli em Creixomil!...
E a velha Guimarães, tendo inda que mostrar,
Mas tendo precisão do corpo descancar,
Pediú muita desculpa aos priscos lusitanos
E foi-se a descancar nos seus senis arcanos
Emquanto que o octog'no sem luz e passeios
Tinha um aspecto negro—aspecto dos mais feios—!

Desferindo a alma nos nossos bandolins
Marchetados de per'las, ouros e marfins,
Senhoras escutae as limpidas canções
Que passam a cantar os nossos corações:
— Senhoras que por teima d'esses vossos olhos
Andam os olhos nossos n'este mar d'escolhos
Perdidos a verter o pranto da amargura;
Senhoras que excedeis em graça e formosura
A deslumbrante Cypris—Mãe de deus Cupido—
A deusa por quem Marte andou d'amóres perdido;
Senhoras que excedeis as Dryadas vestaes
Cobertas de soberbas pedras orientaes:
Deitae por piedade a esmola d'um olhar
Aos nossos tristes olhos pobres em amar!
Senhoras d'esta terra, antiga de nobreza,
Ai tende piedade, ai tende piedade,
Dos nossos tristes olhos, filhos da pobreza,
Com lagrimas de dor e prantos de saudade
Que benditas sereis, oh lyricas Senhoras,
Por nossas almas simples, ternas, sonhadoras!
Senhoras esmolae o nosso triste olhar
Com o branco luar
Dos vossos lindos olhos
Que nos fazem andar
N'um grande mar d'escolhos!

Em elo, Batalhões, de porte altivo e crú!
Oh! almas de Alexandro e espectros de Kossut:
Formar, formar quadrado que ao fogo atroador
Ha-de tremer no Tejo o velho Admator
E despertar talvez da sua letal inercia!...
P'ra frente não tremer, oh Batalhões de Lysa,
Que lá baixo em Camões o nosso rei da Grecia
A gloria da batalha, emfim nos profetisa!
Avante, Luctador's, e á lucta horripilante
Que trema Rhodamonte, o celebre gigante
Que Ariosto cantou em versos geniaes!
Oh Fúrias do terror, oh Genios infernaes,
Transformae com as balas d'essa artilheria
O mundo do silencio em forte berraria!

Dezembro de 1909.

DELFIM GUIMARÃES.